



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CAMYLLA MOHARA FERREIRA CLAUDINO

EXÍLIO QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

**GUARABIRA – PB
2023**

CAMYLLA MOHARA FERREIRA CLAUDINO

EXÍLIO QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito à obtenção do título de graduado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C615e Claudino, Camylla Mohara Ferreira.
Exílio que não ousa dizer seu nome [manuscrito] / Camylla Mohara Ferreira Claudino. - 2023.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH. "

1. Exílio. 2. Trajetória. 3. Queer. I. Título

21. ed. CDD 801.95

CAMYLLA MOHARA FERREIRA CLAUDINO

EXÍLIO QUE NÃO OUSA DIZER SEU NOME

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito à obtenção do título de graduado em História.


Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade

Aprovada em: 13/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Dayane Nascimento Sobreira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para minha bisavó, mãe Terezinha, porque eu sei que aquela nossa conversa foi sobre correr atrás dos meus sonhos, e aqui eu tô correndo atrás de um dos grandões, que já mudou e pode continuar mudando minha vida pra sempre.

Minha mãe e minha vó Solange, que me criaram, me educaram e fizeram boa parte de quem eu sou.

E para o meu pai, que me dá muito suporte, pra não esquecer jamais que a gente pode o que a gente quiser e que dá pra achar o amor nas rachaduras.

e além deles, ofereço também a W e L, para que sigamos combatendo exílios e silenciamentos, e sobretudo, vivendo.

Gratidão por tudo, amo vocês!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1 RICARDO	4
2 LORENZO	10
3 CONSTRANGIMENTO, COSTURAS E EU	14
4 É PRECISO DIZER SOBRE O EXÍLIO DOS QUE FICARAM	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Ricardo na enfermaria da Cirurgia Plástica, 2014, por Chico Felitti.	15
Figura 2 Foto: Reprodução/Canário Filmes, 2017.	19

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a trajetória de pessoas *queer*, naturais de cidades interioranas, encarando o fato de que só a partir do deslocamento geográfico, indo para longe da comunidade em que estavam inseridos inicialmente, lhes foi possível a liberdade de existirem, expressando sua própria verdade compondo assim o que chamamos de "exílio não dito". Para tanto, iremos atentar para as nuances da exclusão que relegam seus corpos às margens da sociedade, baseados em conceitos como exílio e deslocamentos espaciais, entrelaçando questões de identidade de gênero, com enfoque nas masculinidades. Uma das bases para nosso estudo é a trajetória de Ricardo Correia da Silva, apresentada pela reportagem e posteriormente na obra *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor* (2019), de Chico Felitti. O segundo momento de nosso estudo terá como foco a trajetória de Lorenzo com base na entrevista conduzida pelo repórter Daniel Sousa e publicada no g1, em junho de 2017, além da sua participação no podcast *Pod das Arretadas*, em abril de 2022. Além disso, desenvolvemos um tópico com foco na trajetória do autor do trabalho. Posteriormente, abordaremos o exílio dos que ficam. Como resultados compreendemos que as violências implantadas e praticadas de maneira direta sobre as pessoas *queer*, têm um efetivo poder de silenciar, matar e/ou invisibilizar pessoas desviantes residentes no interior.

Palavras-chave: Exílio; Trajetória; *Queer*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the trajectory of queer individuals from rural cities, facing the fact that only through geographical displacement, by moving away from the community in which they were initially embedded, they were able to achieve the freedom to exist and express their own truth, thus composing what we call "unsaid exile." Therefore, we will pay attention to the nuances of exclusion that relegate their bodies to the margins of society, based on concepts such as exile and spatial displacement, intertwining issues of gender identity, with a focus on masculinities. One of the foundations for our study is the trajectory of Ricardo Correia da Silva, presented in the report and later in the book "Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor" (2019) by Chico Felitti. The second part of our study will focus on the trajectory of Lorenzo, based on an interview conducted by reporter Daniel Sousa and published on g1 in June 2017, as well as his participation in the podcast "Pod das Arretadas" in April 2022. Additionally, we have developed a section focusing on the author's own trajectory. Later, we will address the exile of those who remain. As a result, we understand that the violence directly imposed on queer individuals has an effective power to silence, kill, and/or invisibilize deviant people residing in rural areas.

Keywords: Exile; Trajectory; *Queer*.

INTRODUÇÃO

À medida que viaja, o viajante desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há quase sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é o mesmo que regressa (IANNI, 2000, p. 30).

A partir de Ianni podemos refletir sobre as imbricações que permeiam o ato de viajar, sendo a viagem, portanto, um processo individual; que constrói em cada viajante um resultado diferente, determinado pelas características não apenas dos sujeitos como também dos percursos em que caminharam. Neste cenário, as formas como os deslocamentos marcam determinadas trajetórias exigem uma análise mais detalhada, especialmente quando pensamos no exílio de pessoas *queer*. Dessa maneira, entendemos o exílio também como uma necessidade de enfrentamento ao desconhecido inimaginável, o que modifica o exilado quando regressa, caso regresse.

Diante disso, este trabalho se propõe a analisar a trajetória de pessoas *queer*, naturais de cidades interioranas, encarando o fato de que só a partir do deslocamento geográfico, indo para longe da comunidade em que estavam inseridos inicialmente, lhes foi possível a liberdade de existirem, expressando sua própria verdade. Para tanto, iremos atentar para as nuances da exclusão que relegam seus corpos às margens da sociedade, baseados em conceitos como exílio e deslocamentos espaciais, entrelaçando questões de identidade de gênero, com enfoque nas masculinidades.

Por compreendermos o termo *queer* como central neste trabalho por dialogar diretamente com a marginalização das dissidências sexuais, apontamos uma caracterização norteadora proposta por Guacira Louro (2001):

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001, p. 546)

Nossa análise será produzida tendo como fontes principais duas reportagens, um episódio de podcast e um romance jornalístico. Uma das bases para nosso estudo é a trajetória de Ricardo Correia da Silva, apresentada pela reportagem e posteriormente na obra *Ricardo e Vânia: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor* (2019), de Chico Felitti. Ricardo Correia da Silva é apresentado como o homem por trás da emblemática figura conhecida em São Paulo por “Fofão da Augusta”, alguém que, quando encarado à primeira vista, me desperta medo, mas à medida que a aproximação acontece, depois desse medo se transformar em pavor, logo deságua em empatia, e daí passa a ser afago e consolo para a minha mente assustada e assustadora de si mesma, que existe nessa dinâmica de não conseguir conviver bem consigo e de estar a ponto de explodir (ou implodir) a qualquer momento. Quanto mais me aprofundava na vida de Ricardo, mais percebia que muito desse desterro, a sede de sair de Araraquara na juventude e a declaração durante a velhice de que não voltaria pra lá nem morto, se dava numa configuração de exílio, ainda que não dito.

O mesmo acontece com Lorenzo, um homem trans criado em Guarabira (Paraíba), que declara ter passado, ao longo da própria vida, por um processo de autocompreensão, de autodescoberta, mas que teve que ir embora de sua cidade natal para a capital e depois o sertão, onde consegue passar pelos processos de auto-emancipação no que concerne à própria identidade de gênero, já que não tinha essa possibilidade em seu berço de origem. Numa declaração pública em rede social, Lorenzo fala do medo que sentia diante de sua volta a Guarabira, cinco anos

depois, e de suas memórias da cidade como um lugar de muita dor, diante da falta de aceitação dos familiares e conterrâneos.

Aqui pretendemos descrever as nuances desse exílio, de que forma ele acontece e reverbera naqueles que o vivenciam e, para além disso, esse trabalho pretende desenvolver uma compreensão acerca do refúgio que essas pessoas marginalizadas, dentro dessa relação de dor, conseguem encontrar em seus pares, justamente no movimento onde esse encontro em comunidade lhes cede uma espécie de validação à própria existência, uma vez que entre esses pares suas identidades são respeitadas e reconhecidas da maneira como esses indivíduos gostariam, como se enxergam, e por conseguinte, como realmente são.

Essa validação dá energia para a vida que existe nelas mesmas e de certa forma, encontram uma outra possibilidade de existência, apesar e para além desse exílio.

1 RICARDO

Não há como ignorar fatores psicológicos quando ser quem se é - em meandros tão subjetivos, pessoais e de gosto como identidade e performance de gênero-, tem ligação direta com a necessidade de migrar para outros ambientes devido ao desconforto e falta de espaço que o indivíduo encontra na sua imagem por parte daqueles que compõem o ambiente junto com ele.

Nascido em meados dos anos 1960 no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Araraquara, Ricardo é um dos quatro filhos de Edite e Frank, deixou a cidade natal e se deslocou para São Paulo, onde passou os últimos dias da sua vida (meados de 2017) como morador e artista de rua. Na capital paulista, Ricardo era vulgar e erroneamente conhecido como “Fofão da Augusta”. Apesar disso, Ricardo afirmou que não voltaria para sua cidade natal *nem morto*, desejo que só conseguiu manter em vida.

Sobre sua juventude, seu irmão Marcelo diz que ele somente esperou o final do ensino médio para se mudar para São Paulo, onde trabalhou como cabeleireiro e maquiador, tendo uma carreira promissora e atendendo a várias celebridades. Marcelo diz ainda que o que ocasiona a saída de Ricardo de Araraquara é a sua

sexualidade, e nesse ínterim existem mais informações de vivências suas na cidade que nos levam a refletir sobre as implicações dessa afirmativa.

Curiosamente, na busca por seus rastros na terra de origem, Chico Felitti relata se deparar com uma dificuldade em encontrá-los, "é como se a cidade tivesse se esquecido desse seu filho", escreve o autor, pois ninguém com quem ele falou em Araraquara (aqueles que disseram não conhecer Ricardo) quis gravar entrevista.

Em São Paulo, Felitti consegue contato com Júlio, citado por Marcelo como o único filho homossexual da família na qual sexualidade sempre foi uma questão, sendo dois dos irmãos homossexuais, um bissexual e um homossexual. Este último, irmão caçula de Ricardo. Abaixo um trecho do capítulo da reportagem em que Francisco Felitti (2019) narra esse encontro:

Ricardo era conhecido em Araraquara como Batguél, na pronúncia abasileirada de Batgirl mesmo. Júlio diz que não sabe por que. Mas que por anos foi chamado de "O Irmão da Batguél", conta, enquanto rabisca num guardanapo com a caneta que leva pendurada na camisa polo que veste. "Você pensa que é fácil estar num lugar público com o Ricardo?" (FELITTI, 2019).

Serrano (2020), em suas reflexões acerca do exílio de homossexuais à época da ditadura civil militar no Brasil, fala sobre como foi ocasionada a aceitação do público por uma espécie de coerção velada na proposição de um modelo hegemônico de masculinidade, aos grandes marcos da propagação do que seria o cidadão de bem. A necessidade de coerção nessas minúcias das identidades dos indivíduos se dá justamente pela possibilidade de controle que oferece um indivíduo acerca dos quais você define práticas de todos os tipos, que acabam por definir uma cultura, a base para qualquer modelo de sociedade.

Não parece por acaso que Ricardo saia do interior para a capital, São Paulo, onde além de ser um desconhecido, o que contempla o fator tamanho/impessoalidade, foi esta, segundo o supracitado Serrano, uma das cidades precursoras nos avanços na luta contra a homofobia/transfobia no Brasil pós ditadura, contexto em que Ricardo vive sua juventude.

Fica cada vez mais nítida a configuração de exílio, ainda que não dito, principalmente por soar exatamente como um pacto silencioso de esquecimento, onde ele esquecia do lugar (para ser aquilo que o lugar abominava), e o lugar esquecia-se dele (uma vez que não servia à agenda esperada pelo capital, que

pedia um homem representante da família tradicional, prototipar à norte-americana, branca e heterossexual).

Na reportagem de Chico Felitti (2017), há uma fala de Virgílio Abranches, ex-morador de Araraquara, acerca desta configuração do exílio de Ricardo:

É muito clara a imagem dele na rua. As pessoas dizendo que ele era perigoso e garoto de programa. [...] Era um personagem caricato na cidade. Não era querido, era ridicularizado. (...). Araraquara é uma cidade conservadora, então assim, eu acho que se chega alguém de fora, assusta. É um tema que é tabu. A cidade normalmente busca se orgulhar da pessoa; muitos araraquarenses não se orgulham de Zé Celso, por exemplo, por motivos que são óbvios: preconceito. Dizem que ele é louco, até pelo fato de ele ser homossexual. Não vão falar do fofão da augusta, que é marginalizado por várias frentes, muita gente da cidade tem vergonha por isso dizem que não o conhecem; grande parte das vezes que te dizem isso, é mentira (ABRANCHES, 2017, s/p).

Fazendo alusão ao conceito de panóptico (FOUCAULT, 2002), esse esquecimento/apagamento que ocorre por parte dos araraquarenses, como explícito pela fala de Virgílio Abranches, fica análogo com a marginalização, isso porque o gênero não conseguiu cumprir o seu papel “primário”, que segundo Bernardini (2022), foi o de ser ferramenta colonial, nos campos do pensamento e material.

É importante ressaltar que não há nesse texto uma culpabilização direcionada aos familiares de Ricardo, mas sim a problematização de um sistema estruturalmente defeituoso e adoecido, que produzia e produz pessoas dotadas de preconceitos e excludentes, que acaba por prejudicar de maneira severa física e psicossocial a vida daqueles que não se encaixam, negando-os direitos básicos de cidadania, encobrendo-lhes de constrangimento por via de estranhamento e culpabilização.

A resposta possível que Ricardo achou a essa marginalização, foi a partida para São Paulo, na tentativa de encontrar um espaço onde pudesse existir, onde trabalhou como cabeleireiro e teve reconhecimento por tempo considerável. Lugar onde além de montar um grupo de teatro com amigos que fazem parte da sua comunidade, se apaixonou, e, embora em condições por vezes insalubres, se estabelece até o fim da sua vida, embora a dor diante de sua terra natal, fique marcada na posteridade, onde diz não querer voltar para lá nem morto.

Segundo Said: “O exílio é a vida (...) nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (SAID, 2000, p. 64). Essa passagem de Said se relaciona bem

com a vida de Ricardo, uma vez que passou o resto dos seus dias na rua, e que frente à menção de institucionalização rejeitava qualquer tipo de ajuda, por um medo que se enraíza nos primórdios dos preconceitos, ridicularizações e mesmo violências físicas que sofreu da infância à vida adulta, sendo relegado às instabilidades de não ter casa, ou renda fixa até o último dia de sua vida.

A trajetória de Ricardo Correia da Silva representa, para além de resistência, denúncia acerca do que violências tão simbólicas podem causar na vida de alguém, uma vez que ele continuou existindo e fiel à sua verdade até o fim de sua vida, embora caiba o questionamento: sob que condições isso lhe foi possível? O silenciamento que compõe o exílio de Ricardo tem relação com o que, em 1997, Michel Foucault apontou:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. (FOUCAULT,1997, s/p).

Não fosse pelo seu perfil jornalístico traçado por Chico Felitti, Ricardo continuaria desumanizado, conhecido somente como mais um dos maltrapilhos ensandecidos da Augusta, da cracolândia, de São Paulo, do Brasil. É importante que lembremos que relegar tais sujeitos à marginalidade se dá principalmente por uma demanda/exigência de discricção que não deveria existir ou fazer parte da agenda de uma pessoa.

No fim das contas, embora não desconsideremos que estamos falando de uma pessoa com a condição da esquizofrenia¹, e que isso traz os seus preços para dentro do convívio social, sobre isso, neste momento, recorreremos a Franco Basaglia ([1968] 1985) para argumentar a respeito da aversão de Ricardo a qualquer tipo de institucionalização dado o seu histórico de violência policial e número de internações, quando o autor afirma:

¹ Segundo Carol Tamminga (2022), “a esquizofrenia é um transtorno mental caracterizado pela perda de contato com a realidade (psicose), alucinações (é comum ouvir vozes), falsas convicções (delírios), pensamento e comportamento anômalo, redução das demonstrações de emoções, diminuição da motivação, uma piora da função mental (cognição) e problemas no desempenho diário, incluindo no âmbito profissional, social, relacionamentos e autocuidado” (TAMMINGA, 2022, s.p.).

O problema não é a doença em si (o que é, quais são suas causas, quais os prognósticos), mas simplesmente de determinar qual tipo de relação se instaura com o doente (...) Analisando a situação do paciente internado num hospital psiquiátrico (que insistimos em considerar o único doente estigmatizado independentemente da doença (...)), podemos afirmar desde já que ele é, antes de mais nada, um homem sem direitos, submetido ao poder da instituição(...) (BASAGLIA, [1968] 1985, p. 107).

Para além dessas questões, e nos voltando sobretudo para as questões relativas ao gênero e à sexualidade, é determinante o fato de Ricardo ficar longe desses possíveis amparos, e do próprio acolhimento na memória da sua cidade de origem pelo fato de ser membro da comunidade LGBTQIAP+, tal como ocorre com Zé Celso Martinez², e dito isso, não sabemos o que seria diferente em sua história sem essas subjetividades. Fica nítido nas conversas com os familiares, principalmente com seu irmão mais novo, Júlio, que Ricardo era uma pessoa de quem era demandado o esconder de suas características que o diferem da norma. Ao longo do texto falamos sobre ele ter sido essa pessoa que a cidade ignora e que as características que traziam sobre ele, eram características que não eram de desejo serem trazidas à memória (seu apelido *batguél*), e não sabemos até que ponto não se deve a rejeição às suas características o desamparo que lhe acomete.

Por isso, é cabível trazer essa citação de Michel Foucault, por ele falar exatamente sobre isso, considerando que Ricardo era uma pessoa com gostos, vontades e necessidades, e que essas são ignoradas, dando lugar à monstrificação desumanizadora que lhe acomete e que deságua em vários outros tipos violência que ele acaba por sofrer.

Isso fica comprovado ainda mais, quando Felitti (2019) conversa com Carlos, um amigo de Ricardo, já em São Paulo, que por muitos anos, foi seu companheiro de rua, segue trecho abaixo:

² José Celso Martinez Corrêa, conhecido como Zé Celso, assim como Ricardo, é de Araraquara e uma figura revolucionária no mundo da arte, assumidamente homossexual. Tendo falecido recentemente, 6 de julho de 2023, trabalhou como diretor, ator, dramaturgo e encenador, sendo líder do teatro oficina, que tem suas pautas voltadas às causas sociais, dentre elas, liberdade sexual. Um exemplo disso é a última polêmica que teve seu nome envolvido antes do seu falecimento, com conservadores indignados diante do seu casamento com o ator Marcelo Drummond, com quem mantinha uma relação fora do papel há mais de 30 anos.

Faz 21 anos que eles trabalham juntos, na rua. Distribuem panfletos que pegam nos teatros da praça Roosevelt e aceitam doações em troca. E ganham. Carlos conta que cada um deles chega a tirar duzentos reais em um bom dia. “Eu acredito que a gente tenha ajudado a melhorar bem a cultura de São Paulo. A gente colocou muita gente na plateia. Ele é duro na queda, sabe? Muitas vezes já pediram para ele tirar o silicone do rosto, chamando ele de deformado, de Fofão. Mas eu acho meu amigo bonito, entende? Apesar de todas as deformações e espancamentos que ele sofreu, ele é uma pessoa bonita (FELITTI, 2019, p. 37).

Na conversa citada acima, Carlos fala das violências simbólicas e físicas que acometiam Ricardo devido a sua imagem, e fala também de como ele resistiu a isso, sendo duro na queda. Em outro trecho da obra de Felitti, o próprio Ricardo fala sobre isso:

Eu tenho muitas aplicações de silicone, plásticas no nariz, plástica na orelha, plástica na pálpebra. Eu ganhava bem e era vaidoso, queria ficar todo modelado. Era silicone para uso médico. Daí, de tanto dormir em cima, caiu. É que eu sofri um espancamento na delegacia de polícia (FELITTI, 2019, p. 42).

Encerramos esse tópico com o trecho do Manifesto Freak (2015) no qual T. Angel fala sobre o poder aquisitivo e o reverberar que ele tem na classificação e marginalização do esquisito:

Sabemos que a nossa monstruosidade varia de acordo com o nosso poder financeiro. Quanto menos dinheiro temos, mais monstruosos e abjetos somos. O tamanho da nossa monstruosidade aumenta acompanhando o tamanho da hipocrisia e mau caratismo de quem segue essa linha de raciocínio (ANGEL, 2015, s.p.).



Figura 1 Ricardo na enfermaria da Cirurgia Plástica, 2014, por Chico Felitti.

2 LORENZO

A segunda trajetória que analisarei como base para esse trabalho é a do DJ paraibano, artisticamente conhecido como Lorenzo Zimon, e, para tanto, utilizarei como fonte uma entrevista conduzida pelo repórter Daniel Sousa e publicada no g1, em junho de 2017, além da sua participação no podcast *Pod das Arretadas*, em abril de 2022.

A vida de Lorenzo é marcada por mudanças e transições espaciais. Começa com o fato de que ele nasceu em João Pessoa, capital paraibana, e foi ter os primeiros anos de sua infância vividos numa cidade interiorana chamada Serraria, que possui 6.028 habitantes e está localizada a 32 quilômetros de Guarabira. A segunda é a cidade intitulada rainha do brejo paraibano e centro comercial da área em questão, onde ele passa a viver entre seus 7 e 10 anos de idade, além de crescer e vivenciar os momentos decisivos do que neste trabalho chamamos de “exílio não dito”, até completar seus 18 anos, quando assim como na situação de

Ricardo, foi embora de sua cidade natal a fim de poder ascender na própria existência, a partir do poder de escolha, sem as amarras que encontrava na sua comunidade de origem.

Em meados de junho de 2017, Lorenzo era um homem trans hormonizado, de 20 anos, que se sustentava da sua profissão de DJ, vivendo na cidade de João Pessoa, capital paraibana.

A família, diz ele, sempre notou a diferença, mas acreditava ser uma fase. Por causa disso, quando adolescente, viu-se pressionado a se portar como garota e usar roupas femininas. A vida dupla que se estendeu até os 18 anos. “Eu tinha um amigo gay muito próximo e combinamos de fingir um namoro para diminuir a pressão que a gente sofria”, relembrou. Foi esse amigo que acolheu Lorenzo na capital paraibana quando, depois de uma discussão, ele decidiu sair da casa dos pais, em Guarabira, no Agreste paraibano. Uma saída sem apoio ou qualquer ajuda financeira. (SOUSA, 2017).

Se tratando de Lorenzo, fica ainda mais nítido que a escolha que ele fez foi entre a vida familiar junto de tudo aquilo que ele conhecia e a expressão de ser cuja necessidade ele carregava dentro de si.

De acordo com Preciado (2019), a estrutura colonial e capitalista constrange a expressão individual, por uma questão de consumo, ou seja, manutenção do capital por via desse controle.

Diante disso, encontramos mais um ponto de congruência entre as duas trajetórias, uma vez que assim como falamos acerca de Ricardo, percebemos, através da citação há algumas páginas, de Serrano, o retrato da violência coercitiva que exigia uma expressão de gênero incongruente com as singularidades dos dois indivíduos, como sendo um padrão reforçado pelo Brasil cheio de resquícios de uma ditadura militar que tinha como meio, disciplinarização violenta de um povo plural, em relação a Lorenzo percebemos como ele foi forçado a performar uma feminilidade que não possuía, assim como era exigida a Ricardo uma masculinidade que não lhe representava.

A homossexualidade e a heterossexualidade, a intersexualidade e a transexualidade não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista, que privilegia as práticas sexuais reprodutivas como uma estratégia de gestão da população, da reprodução da força de trabalho, mas também da reprodução da população consumidora. É o capital e não a vida que se reproduz. Estas categorias são o mapa imposto pelo poder, não o território da vida (PRECIADO, 2019).

Preciado se refere ao determinismo biológico, vinculado ao modelo ideal de sujeito binário (homem versus mulher) como norma. Esse modelo ideal encaixa esses indivíduos em arquétipos, que ao nascer têm uma agenda a seguir de acordo com preceitos hegemônicos e que os afastam da possibilidade de autonomia e singularidade. Na prática, passam longe de contemplar toda a pluralidade dos indivíduos, ao contrário, culpabilizando na intenção de castrar aqueles que ousam tentar sair disso. Ocasionalmente no desaguar do constrangimento, que dá vez à marginalização, e por fim, à chegada ao que este trabalho evoca como exílio não dito. Lembramos a afirmativa de Bernardini (2022):

Para o mundo eurocentrado, gênero é como o ar. É aquilo que faz tudo circular, um suposto significante único e universal (ROSCOE, 2000), ou melhor, é assim que parece que se trata do assunto, como se essa assunção fosse verdadeira e inquestionável, atemporal e transcultural (BERNARDINI, 2022, p. 16).

Em sua análise, Bernardini retoma um pouco ao passado para as origens do termo gênero, depois de parafrasear Roscoe (2020), afirmando que para as sociedades ocidentais gênero é como o ar e identidade pré-requisito para a conquista de todas as outras. Antecedendo-o na busca de compreender o aparentemente natural e inalienável sexo, por ser pautado na ciência.

O autor nos faz refletir sobre como cada passo na narrativa de definição de uma natureza onde indivíduos com pênis são machos alfas provedores e com vagina fêmeas servidoras que existem à sombra do primeiro, como uma condição biológica que prevê essa substancialidade de controle brutal *versus* uma outra de subserviência, é dado por uma completa arbitrariedade da parte de quem tomou lugares que possibilitaram a dominância dessas narrativas. Pautando-se em Roscoe, que fala sobre como a própria definição no sexo não se manteve a mesma ao longo do tempo, Bernardini conclui: “O que se considera como esse suposto marcador objetivo, científico, médico, a partir do qual toda a estruturação social se constrói é tão arbitrário quanto o gênero que busca sobrepor” (BERNARDINI, 2022, p. 7).

Feitas essas reflexões, voltamos a um Lorenzo que consegue florescer em outra cidade, passando por um período em que vive no sertão paraibano e é acolhido pela família de sua à época namorada que lhe dá todo o apoio e aceitação que não recebeu em casa. Algo que nos chama a atenção para a necessidade de

acolhimento e pertencimento mais uma vez, pois quando Lorenzo fala sobre referências de lar, o lugar e a época que ele remete instantaneamente é à de sua passagem por lá.

Apesar de sua emancipação pessoal, ele ainda carrega consigo a dor das marcas criadas pela ausência de espaço para si no lugar onde foi educado desde a tenra infância e conduzido a conhecer como lar.

Em meio a tantos obstáculos derrubados, há um que persiste: a família que deixou para trás em Guarabira. É que, desde que saiu de casa, Lorenzo não teve mais contato com seus parentes. “Naquele tempo, meus pais me disseram coisas horríveis e eu lembro de dizer pra mim mesmo que ia provar que seria alguém, que eu ia vencer”, explica. (SOUSA, 2017, s/p)

Ambas as situações ficam ainda mais complexas se considerarmos o processo de formação de uma pessoa, visto que somos animais sociais, que temos imanente às nossas naturezas a sede de pertencimento, uma vez que no caso dos nossos dois protagonistas, o pertencimento não veio e em seu lugar um constrangimento culposos.

Acerca de tal conjuntura em trajetórias de pessoas LGBTQIAP+ Bonoto (2021) afirma: “As memórias recuperadas, sobretudo da infância e adolescência, remontam momentos de retração e desconforto diante a “descoberta” da orientação sexual e/ou identidade de gênero não-normativas.” (BONOTO, 2021, p. 20). Em sua análise, a autora fala das fronteiras que definem quem somos, sendo uma delas a heteronormatividade, onde algumas atitudes são exaltadas e outras relegadas à marginalidade, como é o caso de Ricardo e de Lorenzo.

Apesar de terem encontrado possibilidades em outros lugares e a partir de outras referências, as marcas dessas feridas ficam muito notórias em Lorenzo, que aparenta ser bastante bem resolvido com isso, mas ainda fala sobre a dor de determinadas rupturas que não findaram, como é o caso da sua relação com seu pai, ou da distante relação que estabelece com a mãe, ou ainda o medo do retorno à cidade natal, como comentado no podcast.

Voltando a Foucault (1997) e às políticas de silêncio, embora a cidade não se retrate com Lorenzo, pagando as contas por tê-lo ejetado, à sua maneira e com os recursos que tinha, ele escolheu falar, ele escolheu sair e viver, não tendo problemas em expor quando necessário, o vínculo por via de ferida aberta que tem com berço de origem, o que nos faz chegar à citação de encerramento deste tópico:

(...) apesar da opressão e da ameaça de extinção, um determinado ethos permanece vivo no exílio. Portanto, não falo do exílio como um privilégio, mas como uma alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna. (SAID, 2000, p. 61)

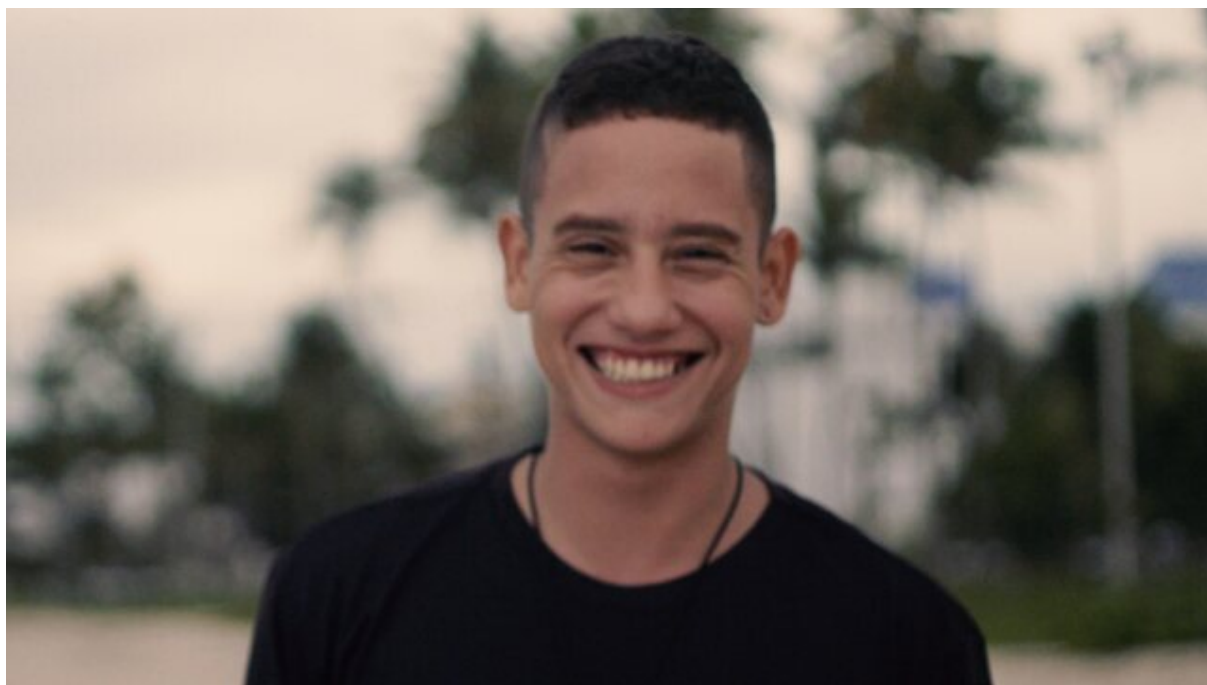


Figura 2 Foto: Reprodução/Canário Filmes, 2017.

3 CONSTRANGIMENTO, COSTURAS E EU

“Um dia irei escrever poemas sobre isto, mas primeiro eu devo sobreviver”

Autor desconhecido

Do dicionário Priberam da Língua Portuguesa, constrangimento significa:

“1. Ato de constranger. 2. Violência que tira liberdade de ação. 3. Acanhamento, embaraço.” (PRIBERAM, 2023).

Começo com esse apontamento, para contar algo: eu costumo dizer que falar sobre constrangimento é crucial nesse trabalho, pois sem esse fenômeno e a minha relação com isso, ele não existiria.

Durante todos os tópicos anteriores, falamos sobre os artifícios que a sociedade usa para constranger pessoas que estão fora da norma, e em ambos os casos, tanto quando se trata Lorenzo, quanto de Ricardo, o que me trouxe, enquanto indivíduo para perto deles, foi a maneira como eles lidam com esse constrangimento, que é completamente par, e que observando outras trajetórias dentro da mesma condição de dissidência por questões que envolvem gênero e sexualidade, encontrei o mesmo tipo de conjuntura: ir embora pela impossibilidade de dar continuidade às suas vidas de uma maneira funcional e completa em virtude desse fenômeno, causado pelas normatividades excludentes de suas cidades interioranas de origem e das pessoas que estavam nelas.

Vemos essas duas pessoas que silenciaram e fugiram.

Eu posso começar falando um pouco sobre a minha própria experiência na escola e na igreja e o quanto eu fui marginalizado e constrangido nesses dois âmbitos, por questões que envolviam gênero, sexualidade e uma certa estranheza que pode ser chamada de monstruosidade por uma estética, com estatura desproporcional (altura e dentes excessivamente grandes), cabelos volumosos e escolhas por uma moda que não se encaixavam no normativo à altura da época em que estava inserido.

O que vai ocorrendo à medida que o tempo vai passando, é que mesmo antes de ser qualquer uma dessas questões que envolvam gênero ou sexualidade, eu me encontrei como uma pessoa esquisita (como ocorre com Ricardo também), e passava por ações coercitivas para combater essas características, como o próprio bullying, a tentativa de correção do meu jeito de andar, falar, comer, me vestir, me portar, e me movimentar nos lugares, e essa tentativa de correção vem muito nesse lugar de constrangimento.

Santos *et al* (2022) afirmam: “A escrevivência é marcada e carregada, como um lugar de manifestação de um eu coletivo, ou seja, por meio de suas experiências, se remonta histórias de um “nós” partilhado.” (SANTOS et al, 2022). A decisão de escrita deste tópico se dá justamente pela necessidade de exhibir a costura que liga as duas trajetórias estudadas nos tópicos anteriores e a minha própria, além da de tantas outras pessoas que atravessaram meu caminho como pessoa dissidente de gênero no encontro de pares, uma vez que é o sentimento causado por essa relação e essas percepções que me fez continuar nessa pesquisa a tão duras penas.

Neste cenário, constranger o indivíduo por determinada ação que ele está tomando converge com a ideia de coagi-lo à “possibilidade” de fazer o caminho contrário e vestir a ilusão de ausência desse desconforto, adquirindo um comportamento que não o levaria ao lugar do ser marginal. Quando olhamos para as trajetórias de Lorenzo e Ricardo, encontramos duas pessoas que foram embora, e que fizeram isso porque precisavam ser, e aquela incompletude de estar na marginalização ou engomamento de suas existências não era suficiente para eles, pois eles não conseguiriam simplesmente vestir um terno, um vestido que representassem um comportamento padrão, deixando de ter seus maneirismos e de ser quem eram, considerando que modo de vestir, falar, se portar, andar, maneira como quer ser chamado, entre outros, é o que compõe a subjetividade de cada indivíduo formando boa parte do que nos define enquanto pessoas.

No livro do cineasta e também homem trans Jack Halberstam, *A arte queer do fracasso* ([2011]2020), o autor fala do gênero cinematográfico denominado “pixarvolt”, que concebe vilões de obras de animação enquanto pessoas *queer* que fracassam e precisam encontrar triunfo na própria existência dentro da dissidência, enveredando por um caminho fora do lugar de origem/leito familiar, para em vez disso, terem com as pessoas que possuem as mesmas características “desviantes” que si mesmos, que acabam por os tornar próximos, sendo ali onde encontram validação.

Se considerarmos validação como a consideração respeitosa que legitima quem você é e como se enxerga sem precisar mudar para se encaixar dentro de um seio social, entenderemos a essencialidade disso para nós humanos que somos seres de natureza social.

Fiz então um paralelo com essa perspectiva para a leitura das trajetórias aqui citadas, embora haja as particularidades em cada uma delas, sendo épocas e contextos diferentes, com reações também diferentes perante a sociedade, considerando que à medida que o tempo passa, a violência se adapta.

No caso de Ricardo, a continuidade da marginalidade fica mais demarcada e pungente pela violência e vulnerabilidade física e psicológica, por questões que perpassam o lugar de saúde mental, e vindo de uma época anterior à nossa contemporaneidade, considerando como foi falado anteriormente, a maneira como a sociedade tendia a tratar institucional e assustadoramente à sua época, um modelo de masculinidade padrão que servia a uma ditadura civil militar.

Já no contexto de Lorenzo encontramos uma abordagem muito mais simbólica e escrachada de uma forma diferente da que Ricardo enfrenta, pois temos o encontro de um segundo seio familiar que o acolhe e o possibilita esse renascimento mais efetivo, embora longe de completo, na família sertaneja que o acolhe, configurando aqui uma exceção à regra, um sim entre mil não, que foi providencial na vida de Lorenzo.

Na minha trajetória, assim como Ricardo, não houve o encontro de um novo seio familiar, mas pessoas também dentro desse lugar de marginalizado, de vivendo sozinho em sua independência *queer* minguada, sem apoio e sustento de uma família, nesses trajes de constrangimento, fazendo o caminho da contracultura, posicionamento de 'independência', de viver com a ferida, de criar do zero o nosso próprio seio, sendo nossa própria família.

No entanto, nesta conjuntura encontramos as dificuldades de sustentação, visto que passar fome e carência afetiva, não é fácil, principalmente no que tange às dificuldades oferecidas pela neurodivergência³, de não ter conseguido sustentar a vida de *outsider* principalmente no viés financeiro da coisa, além da inexistência de um seio familiar, o que compromete o psicológico na ausência de pertencimento e afetividade.

Sendo assim, quando fiz o movimento de me retirar, embora tenha conseguido sustentar um teto, não fui muito além dele e me restou então fazer o movimento contrário dos dois personagens anteriores, retornando à terra de origem. Retorno que vem às custas da necessidade de viver na engomação, sob o jugo da normatividade, no que diz respeito ao gênero, vivendo e repensando-se, sendo enxergado diariamente por olhos que me vestem com um estranhamento às minhas subjetividades, por um viés violentamente normativo.

Tal jugo é complexo porque não é proveniente de ausência de amor ou humanidade, pelo contrário, mas de uma transfobia e heteronormatividade estrutural que é extremamente poderosa e traumática, quando não violenta por um viés físico, o é num viés imagético, por via do constrangimento.

³ Condição à qual é acometido o neurodivergente, que segundo MARTINS (2022) é: Conceito utilizado para designar pessoas que apresentam alterações no funcionamento cognitivo, comportamental, neurológico e neuro anatômico. Ou seja, se referem a alterações como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Síndrome de Tourette, Depressão, Dislexia, Esquizofrenia, entre outros (MARTINS, 2022).

Quando fala sobre a coerção à norma, usando de escrita de si, Preciado ([2013] 2020) diz que:

O que o meu pai e minha mãe protegiam eram (...) as normas sexuais e de gênero que dolorosamente eles mesmos tinham internalizado, através de um sistema educativo e social que castigava todas as formas de dissidência com a ameaça, intimidação e até a morte (PRECIADO, [2013] 2020, p.72).

É um movimento de resistência criar na surdina pontes de esperança, o que não deixa de ser extremamente solitário e difícil no que diz respeito de enxergar a continuidade de transformações que são necessárias na busca do sentimento de satisfação. Nas trajetórias de Ricardo e Lorenzo, o que podemos enxergar é um florescimento, mas o preço que Ricardo pagou para florescer é o de viver nessa míngua de dignidade e eu não tive a força que Ricardo teve de abraçar a fome e a ausência de cidadania.

É muito cruel ter que fazer o movimento contrário e lidar com o constrangimento que mora em sentir que não vive, principalmente considerando o quanto é traumático tudo isso, e considerando o que eu estaria disposto sim a abrir mão no sentido de vínculos, se tivesse condições de bancar a estrutura de cidadania e dignidade que meu corpo *neurodivergente* considera necessária para continuar, e ir me reconstruir em outro lugar.

Encontro com o sentimento de constrangimento e a necessidade de ter que viver essa engomação, pagando o preço de ter que ficar sob o jugo da normatividade e viver sob os olhos que não nos enxergam como somos, mas como consideram que deveríamos ser. Assim se faz o sentimento de viver encontrando e criando pontes de esperança, numa vivência bem solitária, sem conseguir por vezes enxergar a continuidade da própria transformação e encontro de si.

Quando se percebe que, nas rupturas e brechas escapa um pouco de você que alcança o olhar alheio, isso vem junto com a violência da repreensão, e é justamente por isso que neste trabalho defendemos a ideia de exílio, por ser isso que eu me enxergo vivendo, um exilado que não se foi, mas que vive em incompletude na terra natal.

O constrangimento ecoa na minha cabeça de maneira a doer, de maneira a me fazer abraçar, na tentativa de anestesia, alcunhas diferentes daquilo que eu vejo quando eu me enxergo, quando eu me penso, quando eu me planejo, embora tenha

sim uma pequena rede de apoio, que me dá forças pra seguir no planejamento da vida que eu preciso ter pra abraçar quem eu realmente sou, porque viver se anulando vem com uma conta difícil de ser paga.

Desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável) (SAID, 2000, p. 61).

4 É PRECISO DIZER SOBRE O EXÍLIO DOS QUE FICARAM

Durante o podcast em que Lorenzo participa, há um momento que me chama muito a atenção: uma das entrevistadoras fala algo sobre ele ser um em um milhão, elogiando-o por sua rara coragem, ao que ele responde falando das dificuldades que o colocam nessa posição de raridade.

Considero imprescindível pontuar que essa não é uma história de meritocracia, de recompensa ao esforço, mas de resistência à violência, a um mundo que dificulta o prosperar em completude de pessoas como Lorenzo, como Ricardo, como eu.

E que os não corajosos, se ficam dentro dos seus armários, se “escolhem” viver vidas medíocres, por vezes, estão fazendo não por querer, mas por pura coerção/falta de estrutura. E é ofensivo ignorar que para algumas pessoas, resistir é simplesmente continuar vivo, mesmo que para isso, precise se esconder, ou aceitarem a invisibilidade que lhes é incumbida.

T. Angel é uma monstra, transexual não binária e autora do manifesto *freak*, publicado em 2015, escrito a partir de suas vivências na comunidade da modificação corporal, inspirada na teoria *queer* e no *body hacktivism*, onde a autora inscreve a teoria dos anormais, vestindo a subversão à marginalização do termo *freak* e verbalizando a resistência por trás dessa comunidade tão política. Segue abaixo um trecho do manifesto:

Ser invisível é resistência contra um aparato institucional estatal violento, autoritário e opressor. Se for preciso ser invisível para que a nossa existência não seja exterminada e apagada, assim o seremos. Repetindo: ser invisível deve ser uma escolha nossa e não uma imposição de outrem. - Não queremos atender os interesses de uma vida normativa, pois não acreditamos nesse modelo fabricado e enlatado. A normatividade é uma ilusão violenta que fizeram você acreditar que é a única verdade possível (ANGEL, 2015, s.p.).

Neste fragmento, a autora traduz a escolha do disfarce ou discrição por parte de membros da comunidade *queer*, em função de um fortalecimento para sobrevivência, embora consideremos que estamos falando de um malabarismo que deixa resquícios traumáticos, para sobreviver a uma violência que deve ser denunciada e combatida para que outros corpos não sejam silenciosamente exilados, relegados à sombra. É uma ação de acolhimento e inserção de lampejos de esperanças utópicas a vidas cuja luz a estrutura excludente vai continuar tentando apagar.

E é quando iniciativas como estudos como esse acontecem, que nós encontramos a possibilidade de enxergar a estrutura em suas minúcias, e, a partir disso, podemos desenvolver o olhar crítico necessário para questionar a naturalização da violência que é a hegemonia que se tenta trazer o tempo todo, inviabilizando a consideração as subjetividades, silenciando as pessoas de reivindicarem seus direitos à dignidade, a partir de seus lugares, que são múltiplos, e não um só, padrão, como se tenta instituir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, analisamos a trajetória de pessoas *queer*, naturais de cidades interioranas, encarando o fato de que só a partir do deslocamento geográfico, indo para longe da comunidade em que estavam inseridos inicialmente, lhes foi possível a liberdade de existirem, expressando sua própria verdade.

Em primeiro lugar, nos debruçamos sobre a trajetória de Ricardo Corrêa da Silva, analisando a aversão mútua e silenciosa que existia entre ele e sua cidade natal, onde viveu até os 18 anos de idade, numa situação em que a mesma não o reconhece, nos moradores atuais que são abordados por Chico Felitti, autor de sua biografia, assim como o próprio Ricardo, que afirma a certa altura que não voltaria

pra lá nem morto, e acaba voltando somente em sua morte, vivendo seus dias na cracolândia de São Paulo/SP, sem nenhuma estrutura, e não por ser um drogado, mas um marginal na esfera gênero/sexualidade, além de conviver com a esquizofrenia, e somando as duas coisas, o resultado foi uma aversão pungente por qualquer tipo de institucionalização.

Em segundo lugar, nos referimos à trajetória de Lorenzo, que assim como Ricardo, viveu em Guarabira até os 18 anos de idade, quando foi embora para o João Pessoa e depois sertão, sem teto, sem amparo e nenhuma estrutura, embora tenha sido, a certa altura, acolhido no seio familiar de uma então namorada, local que ele associa a lar quando entrevistado em podcast.

Como também desenvolvemos através da escrita de si, a terceira e última trajetória analisada neste trabalho, é a da minha própria vida, evocando meu local de fala e relacionando o constrangimento com a invisibilidade como mecanismo de sobrevivência.

Por fim, falamos do exílio dos que ficam, relacionando um pouco com o tópico anterior, através da análise de falas do podcast e relacionando-as com o manifesto Freak, que fala sobre o ser diferente, silêncios e resistências.

Diante disso, compreendemos que as violências implantadas e praticadas de maneira direta sobre as pessoas *queer*, têm um efetivo poder de silenciar, matar ou invisibilizar pessoas desviantes residentes no interior. Enfatizamos que é necessário continuar o mapeamento dos exílios de pessoas *queer*, bem como os estudos envolvendo educação para as dissidências e inclusão equitativa, para que, ainda que pelas rachaduras, possamos alcançar a dignidade necessária para uma vida plena e provida de direitos.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Virgílio. In FELITTI, Chico. **“Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece”**. 2017. Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece>>. Acesso em 04 de junho de 2023.

ANGEL, T. Manifesto Freak, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/19865260/Manifesto_Freak>. Acesso em 03 de junho de 2023.

BASAGLIA, Franco. As instituições da violência. In: BASAGLIA, Franco (coordenador). A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico. Tradução de Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Edições Geral, 1985.

BERNARDINI, Caio Lima Gonçalves. **1s e 0s**: A história da Sexualidade de Foucault e o gênero binário. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/27563>>. Acesso em 03 de junho de 2023.

BONOTO, Carolina. “Aqui tem gente como eu”: subjetividade LGBT em trajetórias midiáticas. Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 10, n. 1, 2021.

FELITTI, Chico. **Ricardo e Vânia**: o maquiador, a garota de programa, o silicone e uma história de amor. São Paulo: Todavia, 2019.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Tradução M. T. Albuquerque e J. A. Albuquerque. 13 ed. Paris: Éditions Gallimard, 1997. (Ebook).

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

HALBERSTAM, Jack. A arte queer do fracasso. Tradução: Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020.

IANNI, Octavio. Enigmas da modernidade-mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Carlos Henrique Lucas; CAETANO, Marcio. Deriva e exílio sexuais: sobre Stella Manhattan, de Silvano Santiago. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 54, maio/ago, 2018, p. 319-337.

MARTINS, Yasmine. Diferenças entre os termos neurotípico, neurodiversidade e neuroatípico, 2022. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2022/07/29/diferencas-entre-os-termos-neurotipico-neurodiversidade-e-neuroatipico/>>. Acesso em 03 de junho de 2023.

PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? In: PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da Travessia. Tradução de Eliana Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos; SANTOS, Thomas Cardoso Bastos; DIAS, Alfrancio Ferreira. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência

transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. Revista Práxis Educacional, v. 18, n. 49, 2022.

SERRANO, Tomaz Felipe. Exílio LGBTI+: o que restou da opressão? **Periódicus**, Salvador, n. 12, v.1, nov. 2019-abr. 2020, p. 193-203.

SOUSA, Daniel. ‘Desde pequeno eu tinha noção de que estava no corpo errado’, conta DJ transsexual. In: **G1**, 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/desde-pequeno-eu-tinha-nocao-de-que-esta-va-no-corpo-errado-conta-dj-transsexual.ghtml>>. Acesso em 10 jul. 2022.

Rede Paraíba celebra a diversidade no Dia do Orgulho LGBT In: TV Paraíba, 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/tvparaiba/noticia/rede-paraiba-celebra-a-diversidade-no-dia-do-orgulho-lgbt-cg.ghtml>>. Acesso em 07 jul. 2023

TAMMINGA, Carol. Esquizofrenia. Disponível em: <[https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/esquizofrenia-e-transtornos-relacionados/esquizofrenia#:~:text=A%20esquizofrenia%20%C3%A9%20um%20transtorno,mental%20\(cogni%C3%A7%C3%A3o\)%20e%20problemas%20no](https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/dist%C3%BArbios-de-sa%C3%BAde-mental/esquizofrenia-e-transtornos-relacionados/esquizofrenia#:~:text=A%20esquizofrenia%20%C3%A9%20um%20transtorno,mental%20(cogni%C3%A7%C3%A3o)%20e%20problemas%20no)>. Acesso em 04 de junho de 2023.

CONSTRANGIMENTO. In: PRIBERAM. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/constrangimento>>. Acesso em: 04 de junho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Estou saindo literalmente outra pessoa dessa minha tão entrecortada jornada na UEPB, logo existiriam muitos nomes a serem incluídos nessa lista de agradecimentos, mas com certeza eu vou falhar na missão de citar todos aqui e agora.

No entanto, Ana, obrigado por ter me motivado a não desistir anos atrás, quando eu estava machucado e sem motivo.

Meus gatos, pelo privilégio de tê-los na minha vida e por aprender a ser uma pessoa melhor todos os dias com vocês, que estiveram comigo nos meus piores e melhores momentos, me ensinando sobre amor e independência colaborativa.

Sabrina e Alexandre, muito obrigado por segurarem na minha mão e serem literalmente meus monitores ao longo de quase todos esses anos.

Wellington, cariño, obrigado por caminhar ao meu lado, pelos sonhos compartilhados e por toda a ajuda nesses últimos momentos, sem você esse parto não se concretizaria, é um prazer ter você como partner crime. Te quero.

Susel, minha amada. Não caberia em palavras o tanto que me sinto agraciado por te ter como minha orientadora. Encontrei na professora que mais admirava na graduação uma amiga. E isso não tem preço, obrigado por tudo e por tanto.

Aos professores Dayane Sobreira e Luís Mário, obrigado por comporem minha banca com tanta sensibilidade e contribuições gentis e assertivas.

Day, sua leitura tão apurada e sensível às referências citadas no meu, como dito por você, "hiperlink", me deu esperança e ímpeto para continuar escrevendo sobre quem e aquilo que eu sinto necessidade que seja visto, porque você viu, e eu sei que pessoas como você verão; isso não tem preço.

Luís, de verdade, o quanto você provocou em entusiasmo e possibilidades para a continuidade dessa pesquisa tocou meu coração profundamente, espero de verdade, que não pare por aqui (estou trabalhando pra isso).

Um agradecimento especial a todos os meus amigos e familiares que por via cibernética ou não, estiveram e estão presentes em minha vida deixando tudo mais palatável, e menos apático. Ter vocês aqui é grande parte do que faz tudo valer a pena.

Agradeço por fim, e talvez simbolicamente mais importante, a cada uma das pessoas trans que cruzaram o meu caminho ao longo desse tempo, em específico aos meus afetos da cena ballroom, y aquelus que integram a ladeira fuzz e a casa da baixa costura, vocês me tornam menos invisível e solitário.

Realidade: o futuro é um cyborgue transvestigênere vindo do buraco da Jurema.

Muito amor, cidadania e festa. Evoé y Axé a nós! Sigamos;